opusdei.org

Áudio do Prelado: “Suportar com paciência os defeitos do próximo”

«Seguindo os passos de Cristo – explica D. Javier Echevarría no podcast de outubro – não nos afastemos face aos defeitos do próximo e, sem vitimizações, compreendamos que não se trata de “o suportar”, mas de o acolher com humildade».

01/10/2016

Mais *podcasts* do Prelado do Opus Dei sobre as obras de misericórdia

1. Introdução: As Obras de Misericórdia (Dez 2015)

2. Visitar e cuidar dos doentes (Jan de 2016)

3. Dar de comer a quem tem fome e dar de beber a quem tem sede (Fev 2016)

4. Vestir os nus e visitar os presos (Mar 2016)

5. Dar pousada ao peregrino (Abril 2016)

6. Dar sepultura aos defuntos (Maio 2016)

7. Ensinar os ignorantes" e "dar bom conselho (Junho 2016)

8. Corrigir os que erram (Julho 2016)

9. Perdoar ao que nos ofende (Agosto 2016)

10. Consolar os tristes (Setembro 2016)

*****

Ao longo deste ano, estamos a procurar que a misericórdia de Deus deixe uma marca na nossa vida interior e se traduza em obras. Como dizia São Josemaría, é nas situações correntes onde se forja o ambiente mais adequado para tornar presente essa bondade de Deus: ou O encontramos aí ou não O encontraremos nunca.

Assim, a convivência com os outros e o local de trabalho ou familiar transformam-se em ocasiões para nos identificarmos com Ele e, com essa alavanca do amor, elevar o mundo para Deus. Neste sentido, será muito oportuno que examinemos como vivemos a obra de

misericórdia que nos dispomos a considerar este mês: suportar e amar com paciência os defeitos do próximo.

Amor e sofrimento são duas realidades dificilmente separáveis. Quem não sofreu por amor a um cônjuge, a um filho ou a um amigo? Por vezes, esta singular combinação pode ser um mistério, mas Jesus, a partir da Cruz, demonstra-nos que foi esse o caminho percorrido pelo próprio Deus. Conscientes de que o Senhor sabe mais, quando nos enfrentemos com este mistério no meio do quotidiano, olhemos para a Cruz que será fonte de paz.

El fundador do Opus Dei aconselhava sempre que levássemos um crucifixo no bolso ou que o colocássemos em cima da nossa mesa de trabalho, junto à fotografia das pessoas queridas. Dessa maneira – beijando-o ou dirigindo umas palavras ao

Crucificado – será mais fácil aceitar as contrariedades do dia, fazer frente às nossas derrotas sem desanimarmos ou superar os inevitáveis desencontros com os outros. São Josemaría acrescentava que não há que *suportar* o próximo, mas amá-lo para percorrer com ele o seu caminho quotidiano.

Perder o medo à cruz, amá-la, abraçá-la sem temor quando chega nas situações comuns ou de maneira extraordinária, dilatar-nos-á o coração e, assim, acolheremos os outros quando mais o necessitem. Prepar-nos-emos deste modo para nos apresentarmos diante desse Deus que nos compreende e nos aguarda no Céu, disposto a derramar às mãos cheias o seu amor infinito sobre a nossa pobre alma.

São Paulo descrevia com estas palavras as caraterísticas de um amor purificado: “O amor é paciente,

é bondoso. O amor não é invejoso, nem arrogante, nem orgulhoso. Não é ambicioso, não é egoísta, não se irrita, não guarda rancor...".

Amigos e amigas, se desejamos seriamente o bem dos outros, compreenderemos que diante do irmão débil não há espaço para as pressas, as críticas ou a impaciência. Embora talvez pretendamos moldar o próximo ao nosso gosto, e com facilidade nos pode irritar a sua persistência nos mesmos defeitos, não é verdade que Deus teve e tem mais paciência connosco?

Durante a transfiguração, enquanto o Senhor se alegrava com o Pai e o Espírito Santo, os nove discípulos que o aguardavam ao pé da montanha, tentavam em vão curar um rapaz lunático. A sua falta de fé tornava-os incapazes de aliviar o rapaz, que se atirava à água e ao fogo para se magoar. Jesus Cristo, informado do

fracasso dos seus discípulos, reagiu com uma certa nota de desencanto, e que talvez reconheçamos a nossa própria desilusão ou distanciamento diante dos defeitos dos outros. “Até quando estarei convosco? – exclamou o Redentor. Até quando terei que vos suportar?”.

No entanto, como Jesus tinha vindo à Terra para redimir os homens, com grande paciência para com todos, curou o rapaz e explicou aos seus discípulos a origem de seu fracasso: “Se tivésseis fé – disse-lhes – (...) nada vos seria impossível”. O amor profundo do Senhor pelos homens – por ti, por mim – é a força que O move a resgatar-nos, a oferecer-nos o seu perdão uma e outra vez, a considerar em nós a dignidade de filhos de Deus – que Ele nos ganhou – e que está oculta sob a capa das nossas misérias.

Seguindo os passos de Cristo, não nos afastemos perante os defeitos do próximo e, sem vitimizações, compreendamos que não se trata de “o suportar”, mas de o acolher com humildade. Olhemos para os outros com os olhos benignos com que Deus os olha e nos olha a nós, não com os nossos. Se com facilidade nos aparece a crítica interna ou pensamos que somos incapazes de ultrapassar por mais tempo o caráter desta ou daquela pessoa, cuidemos melhor do nosso exame de consciência pessoal. Quem não se conhece bem, quem não procura a humildade, tende a ser intransigente com os outros. Sobre isto, Santo Agostinho escreveu que “é melhor um pecador humilde do que um santarrão soberbo”.

Recordo que São Josemaría costumava recolher-se uns minutos diante do Sacrário, também ao final do dia, antes de se retirar para

dormir, para concretizar o balanço do seu dia. Esses instantes diante do Senhor ajudavam-no a recordar as ocasiões em que podia ter-se dado mais aos outros, e pedia perdão a Deus e ajuda para enfrentar melhor o dia seguinte. Só quem conhece a sua própria debilidade, e se riu um pouco da sua pequenez, descobre quanto necessita de Deus e da compreensão dos irmãos.

Unicamente uma alma paciente e humilde, consciente dos seus defeitos, está em condições de se abrir a quem necessite pontualmente de uma mão a que se agarrar, um conselho certeiro ou um sorriso que expresse uma sincera compreensão. Pouco se consegue, pelo contrário, com o confronto ou com frases carregadas de cinismo o despeito.

São Josemaría fazia este comentário aos casais: “Que procureis ser sempre jovens, que vos guardeis

inteiramente um para o outro, que chegueis a amar-vos tanto que ameis os defeitos do consorte, se não são ofensa a Deus". Amar os defeitos do consorte, ou de uma amiga ou de um amigo, é possível quando o amor é maduro. E essa atitude não implica que aceitemos estoicamente os defeitos dos outros. Desejamos o bem dos outros e, portanto, procuraremos ajudá-lo a desterrar essas faltas, como podem ser o caráter colérico ou apático, a desordem, a sensualidade, a preguiça ou o ativismo, a falta de pontualidade, o descalabro, etc.

Essas imperfeições são cruzes que cada um de nós carrega durante muitos anos, porventura de forma permanente. Não acrescentemos mais peso à cruz que cada um suporta: a paciência para com o próximo será para muitos esse Cireneu que alivia a luta diária e que nos ajuda a identificar-nos com esse

Cristo que caminha para o Calvário, carregando a Cruz por nós.

Peçamos a Nossa Senhora que nos ensine a ser pacientes. Ela soube acolher os apóstolos que tinham abandonado o seu Filho e acompanhou maternalmente a Igreja nos seus primeiros passos. Estejamos seguros de que Maria caminha connosco, ajudando-nos a encher de compreensão misericordiosa as relações entre os homens.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https://opusdei.org/pt-pt/article/audio-do-prelado-suportar-com-paciencia-os-defeitos-do-proximo/ (12/12/2025)